

# Aculturação do índio preocupa a Funai

ESP 8.11.73

Da Sucursal de BRASÍLIA

O Seminário Funai — Missões Religiosas passou ontem por seu terceiro dia de debates com algumas surpresas: as missões católicas e protestantes anunciaram que pretendem aproximar seu trabalho e a Funai revelou que vai pedir aos missionários informações sobre os índios da Perimetral Norte. Mas a grande surpresa foi o superintendente do órgão, general Ismarth de Araújo, admitir que a política de integração indígena planejada é uma incógnita.

— Realmente — disse o general — estamos adotando um caminho de prestígio ao índio, tentando integrá-lo na socieda-

de em condições de competir com a sociedade envolvente. Nosso trabalho ainda está no início e pretendemos, daqui para a frente, acompanhar o processo aculturativo do índio desde o início, para que ele não sofra traumas culturais.

Essas precauções são justificadas pelos resultados até agora apresentados pela experiência de integração: "Os índios integrados que conhecemos são pessoas totalmente marginalizadas e não tiveram seu processo de integração acompanhado de perto por técnicos indigenistas, como vai acontecer a partir de agora. No entanto, é muito difícil prever os resultados dessa experiência, pois ela é única, de modo que as perguntas do tipo "quanto tempo levaria um grupo indígena para se integrar" realmen-

te ainda não podem ser respondidas.

Para os índios kranhacãores, por exemplo, a Funai elaborou e aplicará a partir da próxima semana um plano de desenvolvimento comunitário, em várias etapas. "Na primeira fase" — disse o general Ismarth — "procuraremos melhorar as condições das roças, para que o índio passe a produzir mais. Depois, vamos ensinar ao índio a guardar sementes, visando ao replantio. E numa etapa final partiremos para a comercialização do produto, que garantirá uma renda para atender àquela comunidade. Agora, é importante que fique bem claro que a Funai não pretende ser a dona da verdade, mas está buscando um caminho que possibilite ao índio uma integração harmoniosa".

ESP 8.11.73

## Debates aproximam religiosos

Durante o seminário — cuja finalidade é uma linha comum de trabalho nas aldeias, entre as missões e a Funai — o padre Vicente César, presidente do Instituto Antrópos do Brasil e do Conselho Indigenista Missionário — católico — revelou que os debates estão levando a uma aproximação maior entre as missões católicas e não católicas.

Já estamos pensando, inclusive, em convidar dois missionários não católicos para integrar o Conselho Indigenista, que passaria, então, a atender aos interesses de todas as missões que trabalham junto a comunidades indígenas no Brasil.

O Cimi atualmente está acompanhando a tramitação do Estatuto do Índio no Congresso e espera introduzir uma emenda que autorize a prestação de serviços às comunidades pelas missões, independentemente de autorização da Funai.

### RECOMENDAÇÕES

No âmbito do Seminário, começaram as recomendações dos grupos de trabalho. Uma delas é de que sejam firmados convênios entre a Funai e as missões disciplinando as respectivas atuações. Nesse caso, as missões e, quando possível, os grupos indígenas, participariam

ativamente dos projetos de desenvolvimento econômico elaborados pelo órgão.

Outra sugestão: que a mão-de-obra indígena seja especializada, mediante planejamento e preparação adequada, tendo em vista o mercado de trabalho da região, e a possibilidade de aplicação das leis trabalhistas nos trabalhos dos índios. Sobre a arte indígena, os grupos de trabalho propõem que os padrões culturais dos grupos sejam mantidos e que todo o material adquirido ou trocado pelas comissões religiosas seja encaminhado às Delegações da Funai, postos e sedes de parques indígenas. E que, ainda as missões, alertem os índios para o comércio, instruindo-os quanto ao preço real de seus produtos e habituando-os ao uso do dinheiro.

### PERIMETRAL

Apesar de serem pequenos os núcleos de que missionários e funcionários da Funai chegarão a traçar uma linha de trabalho harmonizada nas aldeias, os esforços para isso estão sendo feitos. Ontem mesmo, o superintendente Ismarth de Araújo informou que deverá reunir-se, após o seminário, com os missionários que cui-

dram os índios que vivem na rota da Perimetral Norte. Há pouco tempo, a Funai reuniu em Manaus os representantes das empresas que vão construir a estrada para lhes dar instruções de como proceder em caso de depararem com índios. E o antropólogo Helio Rocha fez um relato sobre os costumes dos indígenas que vivem na área, agora, o órgão pretende recolher dados sobre a situação desses grupos, pois sua participação na assistência a eles é muito pequena. A maioria está sob proteção dos religiosos. Após este encontro, a Funai encaminhará ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagem um relatório sobre os índios da rota da estrada e apresentará seu plano de ação.

Os cálculos finais do momento são 27 mil índios, em vários estágios de aculturação. Segundo o Frei Angelo Lorh, responsável pela assistência aos tirirós, que vivem na zona de influência da futura rodovia, estes índios nada sabem sobre a existência de grupos antropófagos na área. Notícias recentes indicaram que os tirirós haviam apresentado os negros como comedores de carne humana, só por serem seus inimigos.

## Aprovado ensino bilingue

Educação é, até agora, o tema menos polêmico do Seminário. A razão disso é que praticamente todos os participantes concordaram com a linha que vem sendo adotada pela Fundação Nacional do Índio, que incentiva os programas de educação bilingue português e a língua indígena, bem como treina monitores índios para que, gradativamente, substituam os professores contratados pela Funai.

No entanto, o antropólogo do Museu Goeldi, de Belém,

ra achou louvável "que se incentive a alfabetização bilingue, para que o índio cultive a sua cultura", o antropólogo acredita que, "devido a falta de material em língua indígena, em pouco tempo ele esquecerá seu idioma primitivo. Um programa desse tipo, deveria vir aliado à publicação de literatura em língua indígena, mas isso é bastante difícil, pela diversificação dos idiomas falados no Brasil".

A palestra de ontem, sobre o programa de Educação da Fu-

Kaingang, Navante, Karajan Guajajara e Potyguara. "Com esses monitores — disse ele — é possível evitar choques culturais, pois o próprio índio terá condições de escolher as alternativas educacionais que melhor se adaptem às suas aspirações".

O antropólogo da Funai defendeu em sua palestra o crescimento econômico do Brasil que, segundo ele, "acentua o desequilíbrio entre regionais e indígenas, e isto exige da Fundação a capacitação do índio